

HISTÓRIAS: PRÁTICAS PLURAIS NUMA DIMENSÃO PSICOPEDAGÓGICA

Valéria Silva¹

Universidade Federal de Uberlândia

valeriasilvaluiz@hotmail.com

Orientadora: Maria Irene Miranda²

Universidade Federal de Uberlândia

mirenemufu@gmail.com

Resumo

Este artigo versa sobre as histórias: práticas plurais numa dimensão psicopedagógica. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e tem como objetivo promover reflexões sobre o trabalho do psicopedagogo que na sua atuação, busca subsídios nesta temática e a partir dela propõe investigações e intervenções significativas às dificuldades de aprendizagem; ao desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças, bem como as auxilia na elaboração do pensamento e formação da personalidade e autonomia. A base teórica se solidifica sobre estudiosos como: Reys(2010), Rodari(1982), Machado(2004), Bettelheim(2002), Pereira(2009), Guttfriend(2003), Oliveira(2011) Kopzinski (2010), Rubinstein (2006).

Palavras-chave: Histórias, atuação, dimensão psicopedagógica.

Eixo temático: 3- Atuação psicopedagógica, infâncias, família, linguagens, culturas, políticas.

Introdução:

Este trabalho integra a pesquisa em andamento no PPGED/UFU. Considera as histórias como práticas plurais numa dimensão psicopedagógica. Tem como objetivo promover reflexões sobre o trabalho do psicopedagogo que na sua atuação, busca subsídios nesta temática e a partir dela propõe investigações e intervenções significativas às dificuldades de aprendizagem; ao desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças, bem como as auxilia na elaboração do pensamento e formação da personalidade e autonomia.

¹ Licenciada em Pedagogia, Professora e Pedagoga da Rede Municipal de Ensino de Uberlândia- MG. Pós-graduada em Psicopedagogia, Docência na Diversidade para Educação Básica, Arte e Educação e Coordenação Pedagógica. Mestranda em Educação Pela Universidade Federal de Uberlândia.

² Professora Orientadora, pedagoga, psicopedagoga, mestre em educação, doutora em psicologia da educação.

Histórias: dimensão psicopedagógica

As histórias são parte do nosso patrimônio cultural, difundidas de geração a geração, permeadas de pluralidade; abarcam o âmbito cultural, social e educativo.

A porta que se abre para o universo das histórias é fascinante, vislumbra caminhos para a curiosidade viva, o simbólico, a criatividade, o mundo do faz de conta, as questões internas, a resolução de conflitos, a expressão dos mais variados sentimentos, etc. Além de tudo propiciam o desenvolvimento da linguagem e do pensamento por ser um instrumento de intercâmbio, diálogo e comunicação entre o contexto das crianças e dos adultos.

Por esta multiplicidade de abordagens as histórias abrangem uma dimensão transdisciplinar. De acordo com Machado (2004):

Quando ouvimos um conto – adultos ou crianças –, temos uma experiência singular, única, que particulariza para cada um de nós, no instante da narração, uma construção imaginativa que se organiza fora do tempo da história cotidiana, no tempo do “era”. Tal experiência diz respeito à universalidade do ser humano e, ao mesmo tempo, à existência pessoal como parte dessa universalidade. (MACHADO, 2004, p. 23).

Uma vez que as histórias tratam do humano, do que vivemos e sentimos, do que experienciamos e de fatos que permeiam toda nossa existência; sendo assim tornam-se imprescindíveis ao processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Reconhecendo a importância destas narrativas, Rodari (1982) destaca: “Toda essa atividade tem como objetivo não só um contato afetivo com a criança, contato esse que não deve ser desprezado, o desenvolvimento da linguagem, da lógica, da estética, mas, principalmente, a liberação da criatividade, da imaginação, da fantasia”. (RODARI, 1982, p. 9).

Quando ofertamos às crianças desde cedo o universo das histórias, sejam elas materializadas pelos contos, narrativas populares, mitos, lendas, fábulas, causos, dentre outras, estamos possibilitando que elas possam: opinar, criticar, sentirem-se livres para expressar o gosto estético, a capacidade de criação, o mundo simbólico, o faz de conta; permitindo a elas se sentirem livres para exprimir os mais diversos sentimentos, emoções, exercitar a percepção e a sensibilidade.

Como exemplo de histórias, podemos destacar os contos de fadas ou contos maravilhosos, que têm se mostrado relevantes às aprendizagens significativas; narrativas que coincidem com a realidade das crianças, de fatos que elas vivenciam no

interior de seus lares, muitas vezes compostos por famílias nucleares, normalmente formadas por pai e mãe e filhos consanguíneos; ou por famílias mosaicos, geralmente formadas por pessoas que possuem um ou mais filhos de relacionamentos anteriores, que sejam casados ou convivam em união estável.

As crianças, às vezes, também expressavam seus sentimentos depois da leitura, no desejo de retomar passagens do conto e refazer sobre elas os mesmos comentários, construindo um relato em torno deles. Assim, Béatrice, na décima quinta sessão, quis contar ela própria *João e Maria* (Grimm, 1991), dizendo que Maria estava triste por ter se separado de seus pais. As crianças, por intermédio das personagens e das tramas, expressavam a tristeza de sua própria separação, dificuldade presente em quase todas elas, e quando reconhecemos que o potencial metafórico do conto permite, com um distanciamento seguro, que esses sentimento sejam dito e logo elaborados. (GUTFRIEND, 2003, p. 52 - 53).

As abordagens com os contos possibilitam à criança mergulhar no mundo da fantasia que se mistura com o real, desabrochar situações do inconsciente, mergulhar no universo simbólico; só para destacar histórias como: Branca de neve, João e Maria, Chapeuzinho vermelho, As três plumas, O patinho feio, etc, permitem às crianças se depararem na luta do bem e do mal, do herói do anti-herói, elas se comparam e se identificam com estes conflitos.

Pela riqueza do trabalho com estas histórias, o psicopedagogo poderá utilizá-las para mediar e intervir na aprendizagem em diversas circunstâncias. É salutar destacar que os contos ou narrativas seduzem, encantam e fascinam, constituem-se em conteúdos valorativos; razão pela qual as crianças os recebem abertamente e se identificam com eles, participam dos jogos simbólicos, se envolvem com o enredo, projetam suas emoções, dilemas e dificuldades. Sendo assim podem ser trabalhados na ação psicopedagógica tanto no diagnóstico como na intervenção.

Nesta perspectiva podemos extrair elementos refinados constituintes das narrativas, Gutfriend (2003) na obra - *O terapeuta e o lobo: a utilização do conto na psicoterapia da criança*, realizou na França uma pesquisa comparativa com um grupo de crianças em situação de ruptura nas relações familiares, a obra traz reflexões da importância da utilização do conto infantil como mediação em abordagens terapêuticas. “Desde o começo dos tempos, os contos vêm contando histórias semelhantes, que cada

criança, ou adulto, aproveita a seu modo. Importa menos respeitar as teorias subjacentes do que conta”. (GUTFRIEND, 2003, p. 12).

As histórias ou narrativas intrinsecamente são práticas discursivas revestidas de sensações, vozes, olhares, gestos, arte, expressão, ludicidade, etc, o que lhe garante sentido plural. Destarte torna-se significativo sua função comunicativa, a aquisição de habilidades, o jogo de representações, os jogos simbólicos, dentre outros.

São muitos os que concordam com o fato de que, para as crianças, esses contos maravilhosos têm valor especial. Através de sua estrutura, onde se encontram personagens, sentimentos, valores e desafios inerentes as exigências infantis, eles possibilitam à criança lidar com suas manifestações mais antigas. Seu caráter simbólico permite a criança utilizar conforme sua necessidade. Por tratar-se de uma obra aberta à subjetividade e que oferece de modo simplificado novas dimensões à imaginação da criança o ser é passível de várias possibilidades interpretativas. (PEREIRA, 2009).

As crianças a partir deste âmbito exploram sua individualidade, interpretam o mundo, fazem associações e projeções, navegam em diferentes linguagens e gêneros, dão asas a imaginação e a fantasia, viajam no mundo do faz e conta, além de mergulhar a fundo nas narrativas atribuindo-lhe sentidos, relacionando-as às vivências internas. Sendo assim, o trabalho com as histórias pode ocorrer também nos atendimentos psicopedagógicos.

Os atendimentos psicopedagógicos realizados contribuem, indiscutivelmente, para uma reflexão sobre os processos de ensinar-aprender, levando todos os envolvidos a repensar seu fazer diante das inúmeras inquietações suscitadas pelas diferenças. (KOPZINSKI, 2010, p. 9).

Dentro desta proposta a dimensão que abarca o fazer psicopedagógico imbuída de intencionalidade, sensibilidade e empatia reconhece que o universo das histórias envolve o psiquismo humano, o que se apresenta externamente e aquilo que está no simbólico, no inconsciente.

A partir deste propósito as histórias favorecem e reforçam o relevante papel que o psicopedagogo desempenha no seu fazer cotidiano, valendo-se do trabalho com as narrativas. Nelas ele encontra subsídios para propor uma abordagem tanto clinica como

institucional, age com reciprocidade, acolhe bem as crianças, encoraja-as, demonstra confiança; todavia esta proposta exige orientações e cuidados.

No processo de interação psicopedagógica, percebemos que grande maioria das crianças ao ouvir histórias pede para que sejam recontadas tantas outras vezes, o psicopedagogo que opta em abordar esta temática exige uma escuta sensível e atenta, uma proposta dialética na qual ele reconheça no sujeito suas necessidades individuais; se for preciso fazer o reconto e retomar a mesma narrativa várias vezes.

O fato de repetir as histórias faz com que as crianças possam paulatinamente ir elaborando seu pensamento, relacionando-as com aos dilemas internos, com o que se apresenta a sua realidade; para elas é vivificador saber que o enredo e os personagens passam pelas mesmas situações, conflitos e dificuldades: as narrativas refletem na vida destes pequenos seres como um jogo de espelho.

Saber que a imaginação nos permite ser outras pessoas e nós mesmos, descobrir que podemos pensar, nomear, sonhar, encontrar, comover e decifrar a nós mesmos nesse grande texto escrito a tantas vozes por uma infinidade de autores ao longo da história, é o que dá sentido à experiência literária como expressão de “nossa humanidade comum”. (REYS, 2010, p, 15).

Na obra *A Psicanálise dos contos de fadas*, Bruno Bettelheim (2002) discorre que estas narrativas contribuem de forma exitosa com a formação da personalidade humana, sendo de fundamental importância estas abordagens. O autor destaca que os contos de fadas transmitem significativas mensagens, tanto no nível do consciente quanto do inconsciente, o que impacta no desenvolvimento emocional das crianças.

Para este autor, os contos revelam a forma como as crianças pensam, reagem, além de revelarem fatos dos problemas existenciais do ser psicológico e do ser emocional. “A criança encontra este tipo de significado nos contos de fadas. Como muitas outras modernas percepções psicológicas (...)” (BETTELHEIM, 2002, p. 5).

Compreendemos que pelo leque que as histórias abrem, é pontual pensarmos neste legado cultural como um valioso instrumento de auxílio ao trabalho do psicopedagogo, uma vez que elas podem ser trabalhadas das mais variadas formas e para as mais diversas finalidades.

Ora se a perspectiva psicopedagógica se articula com as diferentes esferas da compreensão humana propiciando inúmeras relações, ela reconhece no âmbito do

trabalho com as histórias dimensões constitutivas da subjetividade e intersubjetividade. Calcado neste princípio o psicopedagogo acredita no potencial da criança, contribuindo significativamente com sua formação, auxiliando-a no que for necessário. Como nos adverte Rubinstein (2006):

O objetivo do psicopedagogo identificado com uma visão dinâmica é compreender as questões do sujeito na sua relação com a aprendizagem, inserido num discurso social, isto é, num contexto. Ao levar em consideração o sujeito psíquico, interessa também apreendê-lo na sua singularidade, compreendê-lo a partir do seu próprio discurso. (RUBINSTEIN, 2006. p, 102).

A partir deste princípio a psicopedagogia utiliza a abordagem sistêmica, numa visão holística, enxerga o ser humano e todo o seu sistema cuidadosamente com afetividade e sensibilidade; reconhece a criança como sujeito ativo, considera todo o processo de desenvolvimento; isso contribui e incide diretamente na construção da sua identidade e formação humana.

Neste sentido o trabalho do psicopedagogo com as histórias desempenhado de maneira integrada, outorga uma atenção especial à mediação com a criança, por ser assim desempenha um papel fundamental e fértil de relação de reciprocidade, flexibilidade, socialização, e interação; no qual a criança tem liberdade e confiança de poder se posicionar, possibilita-lhe enfrentar suas incertezas, frustrações, alegrias, aprendendo a lidar com as angústias, sentimentos e emoções; ou seja, a partir das impressões o sujeito tem oportunidade de criar sua própria história e transformar sua identidade.

No campo emocional as histórias podem ajudar as crianças a elaborar e vencer dificuldades psicológicas bastantes complexas, pois, oferecem possibilidades de se construir uma ponte entre o inconsciente e a realidade, visto que em cada história há uma linguagem simbólica que se comunica diretamente com o inconsciente e mesmo que a criança não expresse sua compreensão acerca da mensagem contida na história, isto não significa que esta não foi assimilada. (OLIVEIRA, 2011).

Outra possibilidade que o trabalho com as histórias agrega ao fazer psicopedagógico que lhe atribui indispensável relevância, se detém no fato de que a psicopedagogia abarca aspectos emocionais, psicológicos, cognitivos, físicos, afetivos e sociais o que caracteriza sua dimensão transdisciplinar.

Muitas narrativas revelam sentimentos binários no qual transitam dois universos contrários: o bem e o mal, o belo e o feio, o rico e o pobre, etc. Dentro das abordagens

psicopedagógicas em muitas circunstâncias essa dualidade instiga nas crianças que ouvem as histórias o desejo de se transportarem como personagens. Nas palavras de Bettelheim (2002):

Para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. Resumindo, deve de uma só vez relacionar-se com todos os aspectos de sua personalidade - e isso sem nunca menosprezar a criança, buscando dar inteiro crédito a seus predicamentos e, simultaneamente, promovendo a confiança nela mesma e no seu futuro. (BETTELHEIM, 2002, p. 5).

Quando a criança se reconhece na história, tem condições de elaborar seus conflitos internos, emergir fatos ocultos, compreender suas projeções, estruturar sua personalidade, dentre outros. O psicopedagogo poderá a partir das situações que se apresentam: criar estratégias, formular questões para auxiliar, orientar e oferecer subsídios ao sujeito, propondo um trabalho de investigação e ou intervenção. “As imagens do conto acordam, revelam, alimentam e instigam o universo de imagens internas que, ao longo de sua história, dão forma e sentido às experiências de uma pessoa no mundo”. (MACHADO, 2004, p. 24).

Mediante a dimensão do fazer psicopedagógico, este profissional poderá inserir em sua prática as narrativas como proposta de trabalho, para isso é necessário que considere o contexto, identifique o que a criança necessita, estabeleça um planejamento, reflita sobre quais histórias lhe são propícias, busque os mais variados recursos e estratégias, que possa transmitir-lhe confiança de maneira que se identifique, reconheça e se aproprie das atividades sugeridas.

O contar histórias e trabalhar com elas como uma atividade em si possibilita um contato com constelações de imagens que revela para quem escuta ou lê a infinita variedade de imagens internas que temos dentro de nós como configurações de experiência. (MACHADO, 2004, p.27).

Fica evidente a importância em trazer para a prática psicopedagógica as narrativas, reconhecendo-as como um valioso recurso educacional de significativa finalidade. Podemos concluir que as histórias possuem uma qualidade singular que propicia infinitas possibilidades de aprendizagem; seja relacionada ao devir humano, a

capacidade criadora de transformação, a experiências ligadas a personalidade, a construção da autonomia, formulação do pensamento dentre outros, ciente que todo trabalho deve estar revestido de reflexão e avaliação constante.

Referências

- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução de Arlene Caetano 16ª edição- Paz e terra- 2002.
- GUTFREIND Celso. **O terapeuta e o lobo: a utilização do conto na psicoterapia da criança**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- KOPZINSKI, Sandra Difini.(org). **Percursos psicopedagógicos entre o saber e o fazer**. Universidade Feevale. Novo Hamburgo- Rio Grande do Sul, 2010.
- MACHADO, Regina. **Acordais: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias**. São Paulo: DCL. 2004.
- OLIVEIRA, Cibele Cristina do Nascimento. **O conto de fadas como instrumento de atuação psicopedagógica: Apresentação de um caso clínico**. 2011. Disponível em:<<http://www.webartigos.com/artigos/o-conto-de-fadas-como-instrumento-na-atuacao-psicopedagogica-apresentacao-de-um-caso-clinico/>> acesso em: 07 de set. de 2017.
- PEREIRA, Maria José. **O conto maravilhoso na Psicopedagogia**. 2009. 55 f. Trabalho de Conclusão de Curso: Psicopedagogia (bacharelado) Centro Universitário Osasco. Disponível em:<<http://abraee.webnode.com/news/o-conto-maravilhoso-na-psicopedagogia/>> acesso em 07 de set. 2017.
- REYS, Yolanda. **A Casa Imaginária; leitura e literatura na primeira infância**. 1º ed.- São Paulo: Global, 2010.
- RODARI, Gianni. **Gramática da fantasia**. Tradução de Antonio Negrini. São Paulo: Summus, 1982.
- RUBINSTEIN, Edith. (org.) **Psicopedagogia: Fundamentos para construção de um estilo**. 1ª edição, São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.